

# Desmentidos não são convincentes

JOSÉ PAULO KUPFER

Por vingança da natureza ou, o que é mais compreensível, dever de ofício, o clima em que os ocupantes dos gabinetes oficiais de Brasília tentam fazer acreditar é, normalmente, tão artificial quanto o lago Paranoá, que delimita um bom pedaço da geografia da cidade. Desta vez, quando se revela que há, nos círculos mais íntimos do poder, quem volte a pensar na idéia de aplicar mais um choque na economia, não teria por que ser diferente. Chovem desmentidos que, no fim das contas, acabam confirmado a existência dos fatos revelados.

Os ministros da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e do Planejamento, João Batista de Abreu, por exemplo, sabem que no Palácio do Planalto causa horror a hipótese de o presidente José Sarney vir a entregar o governo com uma inflação recordista, acima de 50% ao mês. O temor de que isso venha a ocorrer às vésperas da eleição de novembro é tão real quanto o desejo de encontrar alguma fórmula capaz de impedir o temido desastre. Foi assim nos períodos que antecederam os choques anteriores e está sendo assim agora. "A idéia do choque foi abortada pelo noticiário da imprensa", informava ontem mesmo o senador Marcondes



José Paulo/AE - 16/5/88

Abreu, do Planejamento: comentários em tom pessimista

Gadelha, líder do PFL no Senado e integrante do grupo de seu partido que ainda apóia Sarney.

Nos próprios prédios da Fazenda e do Planejamento pode-se encontrar gente autorizada incapaz de disfarçar a preocupação com os movimentos detectados no Planalto. Embora não signifique uma adesão e nem sequer um estímulo à difusão da hipótese do choque, ninguém — muito menos os altos escalões da equipe econômica do governo — desconhece a posição do ministro Ronaldo Costa

Couto, da Casa Civil: "Se a situação caminhar para o descontrole", diz ele, tangenciando a obviedade, "o governo terá de tomar alguma atitude".

Definir o nível de descontrole necessário para dar a partida num novo pacote é algo a que se dedicam, no momento, economistas das mais variadas tendências. No caso do governo, basta uma conversa com Abreu, do Planejamento, para se poder aquilatar a distância entre a normalidade que ele procura transmitir e sua verdadeira

avaliação da situação econômica. "Não posso dizer que a inflação está sob controle", comentava ele com amigos, na semana passada, um dia antes de divulgar que a alta de preços, em São Paulo, Rio e Belo Horizonte, bateria nos 35%, em setembro. "Basta um candidato como Lula ou Brizola subir nas pesquisas que a taxa pode pular para os 50%."

O comentário coroava uma série de outros, todos em tom pessimista, despejados com um misto de irritação e sentimento de derrota. "Me sinto um estorvo para o presidente", tem desabafado Abreu, segundo relatos de pessoas próximas a ele.

Particularmente aborrecido com o projeto de lei que concedia salários equivalentes a procuradores da República e delegados da Polícia Federal, Abreu também tem confidenciado que só não sai do governo porque poderia ser confundido com um covarde ou um oportunista: "Fico para que não digam que os ratos já começaram a abandonar o barco".

Os fatos do momento podem não ser animadores — e, lamentavelmente, não são. Mas nem por isso devem ser varridos para debaixo do tapete. Até porque a ventania da desarrumação econômica não os esconderia por muito tempo.